

Prefácio

Pensar, ouvir um outro lugar

Katia Maciel

A amizade, essa relação sem dependência, sem episódio e na qual, no entanto, entra toda a simplicidade da vida, passa pelo reconhecimento da estranheza comum que não nos permite falar de nossos amigos para nós mesmos, mas apenas falar com eles, que não nos permite fazer deles um tema de conversas (ou de artigos), mas o movimento do acordo em que eles, ao falar conosco, reservem, mesmo na maior familiaridade, a distância infinita, essa separação fundamental a partir da qual o que separa se torna relação.

Maurice Blanchot

Entre os dias 17 e 30 de julho de 2004, acompanhei a visita de Guy Brett ao Brasil para concluir a organização da presente publicação. Durante essas duas semanas, visitamos os artistas e algumas de suas famílias em busca de imagens originais. A maneira calorosa com que invariavelmente fomos recebidos deixou claro que esses artistas e famílias recebiam um amigo antigo.

Tal amizade repousa no conforto da reciprocidade. Guy Brett pensa com os artistas e não sobre artistas e obras. Sua escrita se realiza no fluxo da relação entre pensamentos sensíveis. Quase em silêncio, o escritor abriga generosamente o movimento da obra na proximidade criada com o artista. Livre de formalismos e do estereótipo de um olhar estrangeiro, desloca-se com tranquilidade pelo campo estendido pelas obras dos 15 artistas aqui reunidos, todos eles significativos para a compreensão da arte brasileira nas últimas décadas.

Os textos foram escritos entre 1969 e 2002, e confirmam a presença, prolongada no tempo, de um raro escritor e sua atenta observação da arte brasileira durante esse período. Uma presença que, mesmo descontínua, jamais foi estrangeira aos trabalhos que procurou delicadamente descrever. Uma descrição nascida da escuta atenta dos silêncios dos artistas e da visão da trama detalhada de cada obra.

A relação do autor com a arte feita no Brasil se avizinha do encantamento e da inquietude. Guy Brett pode viver junto com ela a transgressão do hábito. Se o hábito, diz Proust, "é uma segunda natureza, ela nos conserva em ignorância da primeira e está livre de suas crueldades e de seus encantos"¹.

Com Hélio Oiticica e Lygia Clark, Guy experimenta o êxtase e as zonas de risco que se fazem nos percursos das quebradas da própria arte. Riscos fundantes de *Corpobra*, de Antonio Manuel, e *Fiat Lux*, de Cildo Meireles, obras que, ao surgir, transformaram o obscuro em luz. Romper com o hábito na arte significa entrar em um mundo novo e estranho, um mundo em processo, aberto para quem quiser; entrar, penetrar: a obra é sua, a obra é você. Entre Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape e Ricardo Basbaum, a idéia de participação funciona como um fio que conduz a outros processos de subjetivação. Os trabalhos não atuam mais como mediações, e sim como extensores de nossas sensações. O deslocamento do hábito se torna irrefutável, a arte se torna outra. Outra forma, ainda que por dentro da forma, como nos trabalhos de Waltercio Caldas, e outra narrativa, como nas infinitas fábulas de Tunga.

Guy Brett encontra inicialmente Sérgio Camargo. *Relevo branco nº 8* e suas "mutáveis" aparições a cada mudança de luz o acompanham por vários apartamentos e casas. Guy observa no artista as novas condições da matéria que, por intermédio do volume, reinventa o espaço, assim como a perspectiva neoconcreta recriou a idéia de plano. Mas a invenção pode ser

também a do próprio umbigo, como na obra de Sonia Lins, a do vazio íntimo de Mira Schendel ou ainda a da ausência presente de Jac Leirner. As questões migram da poética da forma para a metafísica dos corpos, e a atenta observação do autor repertoria, e também focaliza, relações possíveis, diálogos fortuitos, que surgem aqui e ali na formação de um território amplo no qual a arte brasileira se move: não apenas no fechamento ou clausura dessas obras e artistas em uma terra, como também na desterritorialização das questões que nasceram aqui e inspiram a arte contemporânea fora daqui. Mesmo o aqui é percorrido pelo lado de fora, mesmo o Amazonas é o pós-Eldorado de Maria Thereza Alves, Roberto Evangelista e Regina Vater. Guy reúne a visão dos artistas que inventam um outro da visão paradisíaca e utópica do Brasil verdejante, novos mundos em que as cabeças flutuam, como no rio povoado por Evangelista.

Guy Brett, então, preocupa-se com o tempo fora do hábito, alheio aos contextos formais da instituição da arte. Seu olhar é inesperado; não se limita à natureza das formas pre-estabelecidas e funda novos pensamentos.

Mas fosse-me concedido tempo para realizar minha obra, não deixaria de estampá-la com o selo daquele Tempo, agora tão vivo em minha mente; e nela descreveria os homens, mesmo sob o risco de atribuir-lhes com isto uma aparência monstruosa, ocupando no Tempo um lugar bem maior do que aquele tão parcamente concedido a eles no Espaço, um lugar, em verdade, prolongado sem medida pois, como gigantes mergulhados nos anos, tocam eles, a uma só vez, aqueles períodos de suas vidas separados por tantos dias – tão distanciados no Tempo.²

Os textos a seguir não são puras "memórias", salvo se memórias do presente e do futuro, pois apontam proximidades, continuidades e paradoxos que, na arte e na vida, sustentam a teia do pensamento contemporâneo.

1 Marcel Proust citado por Samuel Beckett. *Proust*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 21.

2 *Ibid.*, p. 10.